

## PREÂMBULO

### MUNDOS E MAIS MUNDOS...

A nossa penetrante, inexorável viagem através do tempo, de quem somos herdeiros, caminheiros, rastreadores, garimpeiros de verdades e obscuridades, competindo-nos destrancar caminhos, sanear escaninhos, decifrar intrincadas charadas, remexer canais orais, imemoriais. Carregamos nos corpos – quantas romagens pelas dimensões do tempo-espaço - os desenhos de inenarráveis ancestralidades, causalidades, ocultas estações, fios espiralados, alongados, caldeados que se decodificam dentre avoengos cânticos, presunções, rancores, louvores, requintes, acintes...Portamos teres, haveres, saberes de amealhadas romagens, refulgentes transmigrações, sábias emancipações, quiçá fustigadas reputações, celebrados pergaminhos, caminhos de desencontros, reencontros a custo...A etiqueta fidalga, a penúria extremada, afazeres de guerra, árduo amanhã da terra, bordadas estampas em tantas cores, tingimentos quantos – jamais o bastante!

Vários, pois, são os níveis de vida e de desenvolvimento nos universos paralelos ao nosso - mundos extradimensionais que nos fogem à mínima compreensão ou a míope percepção sensorial. Nosso planeta e tantos outros a rotacionar pelas esferas celestes como expressão prodigiosa da Divindade Criadora. Organizações próprias com suas vibrações peculiares e naquelas mais elásticas evolutivamente, afinizam-se as mentes, agrupam-se os entes, sublimam-se os pensamentos. Ai pousamos os olhos, tateamos espaços, buscamos haurir melodiosas canções, ressoantes ondas, néctares, formas de mil essências.

Guardamos impressas na retina, no subjetivismo de nossas almas, imagens, recordações de pretéritos acontecimentos, bons e maus, recém ou de milenar efusão. Em nós, a cada passo, ainda que pela dor, pelo desconforto ou em páginas de gratidão, além da mente queima o incenso da transformação, reescrevem-se sagas de múltipla compaixão. Nosso consciente é, por demais, limitado, estreito, racional, quando defronta-se com dificuldades do dia-a-dia, questões contingenciais, existenciais de maior gravidade. Na verdade, nossa consciência, a parca compreensão, é tão somente a ponta do iceberg de nossa intrigante, insondável personalidade.

Cabe-nos ter e manter uma imaginação ativa, contactar, compreender, harmonizarmo-nos com nosso inconsciente, nosso ser ou seja, usando um termo comercial, negociar com as figuras que compõem o nosso desconhecido, nosso incógnito. Temos que ser amistosos, respeitosos conosco, ampliando sempre nosso conhecimento, potencializando nossa inspiração, alargando nossa consciência e dessa forma, compreendermos e apreendermos com as realidades cotidianamente vivenciadas. O compartilhar perdidos itinerários, achados, voos rasantes, destroços de naufrágios, pináculos e torreões algures conquistados – há que se jornadejar, sequiosos nautas do infinito ou prostrarmo-nos à deriva, beira trilha...

Somos os somatérios daquilo que pensamos, sentimos, fazemos ao longo da vida. Nossos pensamentos, emoções se plasmam automaticamente, energeticamente em nosso corpo espiritual. Os seres se afinizam a partir de suas vibrações e manifestações, por mínimas ou imperceptíveis que sejam. Somos entes interdimensionais com poderes energéticos e conscienciais apropriados à evolução, embasada em infinitas potencialidades ontológicas. Acostumamos na vida física – e ainda fora dela – à utilização de camuflagens psicológicas, enganando a nós mesmos, agarrando-nos a subterfúgios, olvidando o sacrossanto oráculo da consciência. A única religião é o Amor, cabendo-nos uma existência harmoniosa, com processos existenciais, sociais, emocionais, intelectuais sustentáveis, sempre com o olhar voltado para os interesses maiores da coletividade, da humanidade. Os herdeiros do Reino são oriundos de todas as partes do globo, de todas as eras, afinizados vibratoriamente com o sangue e o verbo do Cordeiro

### Se esta rua, se esta rua fosse minha...

Rua com casas de portas, janelas, portões escancarados, sem muros, nem passeios e muito menos cadeados nas portas.

Tempo de amizade, parcerias, partilhas e muita alegria.

Pág. 3

### Os impactos da pandemia na educação

O impacto se deu especialmente por conta da educação a distância em escolas públicas, onde os alunos normalmente não possuem os mesmos recursos dos estudantes do ensino privado.

Pág. 10

### A Semana de 22

A Semana de Arte Moderna representou uma nova forma de expressão, influenciada pelas formas estéticas europeias mais conservadoras. Pois a arte passou então da vanguarda para o modernismo.

Pág. 14

### Os Vikings das Américas

Por meio das marcas deixadas por uma radiação cósmica em árvores, cientistas puderam determinar o ano da construção de um assentamento viking numa ilha do Canadá: 1021, exatos mil anos atrás.



Pág. 18

# ADIVINHAS

- 1-O que é, o que é: o meio de transporte que nunca faz curvas?
- 2-Todo mundo leva, todo mundo tem, porque a todos lhes dão um quando ao mundo vem.
- 3- O que é que se põe na mesa, parte, reparte e não se come?
- 4- Qual o lugar em que todos podem sentar menos você?

Respostas: 1- elevador; 2- o nome; 3- baralho; 4- o seu colo

## Provérbios e Adágios

- Detestado pelos homens, querido pelas mulheres.
- Este mundo é a ante-sala do outro.
- Falou do mau, prepare o pau.
- Falar o sujo, do mal lavado.
- Homem velho e mulher nova resultam em corno ou cova.

### Para refletir

• Deves sempre temer as grandezas, oh alma. Se não consegues dominar as ambições que tenhas, cuida então, com dúvida e prudência de as tolerar. E quanto mais adiante fores, mais cuidadosa, mais inquisitiva sê.

(Konstatino Kaváfis)

• A sociedade líquida moderna muda num tempo mais curto do que aquele necessário para a consolidação, em hábitos e rotinas, das formas de agir.

(Zigmunt Bauman).

## EXPEDIENTE

### QUEM SOMOS:

O boletim é uma iniciativa independente, voluntária, necessitando de apoio de todos os São-Tiaguenses, amigos de São Tiago e todas as pessoas comprometidas com o processo e desenvolvimento de nossa região. Contribua conosco, pois somos a soma de todos os esforços e estamos contando com o seu.

Comissão/Redação: Adriana de Paula Sampaio Martins, Elisa Cibele Coelho, João Pinto de Oliveira, Paulo Melo.

Coordenação: Ana Clara de Paula

Colaboração: Instituto hist. Geográfico de São Tiago.

Apoio: Davy Antonio Silva Reis

Revisão: Fábio Antonio Caputo e Sandra Regina Almeida Caputo

Jornalista Responsável: Marcus Santiago – MTB 19.262/MG

E-mail: credivertentes@sicoobcredivertentes.com.br

### COMO FALAR CONOSCO:

BANCO DE DADOS CULTURAIS/INSTITUTO SÃO TIAGO

APÓSTOLO

Rua São José, nº 461/A - Centro

São Tiago/MG - CEP: 36.350-000

Tel.: (32) 3376-1286

## AO PÉ DA FOGUEIRA

### AR IRRESPIRÁVEL

O veículo, com os seus ocupantes, estaciona numa parada ao longo da BR-381. Entardecia lentamente. Retornavam de uma exposição de maquinários e equipamentos agrícolas no interior de São Paulo, aí pelos anos 2000. Tempo de dar uma esticada nas pernas, tomar um lanche, ir ao WC, que ainda uns 200 km de estrada esperavam-nos, noite já descendo matareira.

Todos observam um senhor bem apessoado, grisalho, ali à beira do acostamento, que se aproxima, passos pausados, elegantes, inclina-se, lê minuciosamente a placa do veículo. Dirige-se aos passageiros:

- Boa tarde. Um momento, por gentileza. Estou aqui de passagem em direção a Goiás. Estou apenas à espera de meu filho que está acabando de tomar um lanche. Vocês são da cidade aqui da placa?!

- Sim, respondem os passageiros simultaneamente, em uníssono.

- Então, vocês conhecem lá o sr. Pólux?! Ele ainda mora lá?!

- Sim... – respondem os ocupantes.

- Rico, não?!

- Parece ser homem de considerável patrimônio... Trabalhou muitos anos por esse Brasil afora – todos opinam.

- Queiram muito me desculpar, mas desejo estar o mais longe possível da cidade de vocês, da nova Cubatão. Aliás, uma pergunta ou melhor uma constatação: vocês, a população de lá, decerto, usam máscaras antipoluentes, dessas industriais?!

- Não estamos entendendo... Usar máscaras, para quê, meu senhor? A cidade, aliás, é de topografia mediana, temperatura amena, arejada...

- É que este contrerrâneo de vocês é o homem mais astuto que conheci. Sou aposentado. Trabalhei com ele, Brasil afora e jamais vi uma pessoa tão desmedida, embora sorrateira, à maneira, em “meter a mão”. Desvios e superfaturamento de material, depenação de almoxarifado, adulteração de notas de serviço, sub-empreitadas falsas, funcionários fantasmas, em todo lugar ele achava uma maneira de aumentar sua já gorda receita... Vi de tudo que vocês possam imaginar...

- Ouvimos, por alto, alguns comentários...

- Então, senhores. Fiquem sabendo que o ar lá de sua doce terra está pestilenciado. Cuidem, pois, de colocar e ajustar boas máscaras ou escafandros ou então encontrem formas de se sanitizarem ...

Nesse momento, um jovem se aproxima, ao volante, aos chamados de “Ói, pai, vamos!”, convocando o estranho senhor a tomar o carro. A um aceno de mão, despediu-se, deixando os seus interlocutores intrigados... Seria ele alguém insano? Ou suas colocações seriam verídicas? E assim, na dúvida, continuam até hoje, após retornarem à cidade natal, onde só passaram a usar máscaras após o surgimento da pandemia Covid.



### NOTA DA REDAÇÃO:

Na página 15 do boletim nº CLXXII – jan/2022 o quadro correto dos filhos de Antônio Carlos de Andrade e Carmem Mazzini de Andrade é o que segue:

#### Filhos de Antônio Carlos de Andrade e Carmem Mazzini de Andrade

Carlos Antonio de Andrade (falecido)	Pedro Luis de Andrade
José Leonardo de Andrade (falecido)	Carmem de Andrade (falecida)
Anézia Salomé de Andrade	Francisco Eustáquio de Andrade
Maria Lúcia de Andrade	Fátima Beatriz de Andrade Macedo (falecida)
Isabel Cristina de Andrade Santos	Giovanni Custodio de Andrade
Rosa Maria de Andrade Santiago	

Realização:



Apoio:





*Lembranças!*



## OS ENCANTOS DA ANTIGA RUA VANDERLEI LARA

Iniciando o ano, com uma parada e um olhar diferenciado para esta Rua. Como diz a canção infantil de nosso folclore, “Se esta rua, se esta rua fosse minha, eu mandava, eu mandava ladrilhar...”

Morei nesta rua minha infância, adolescência e juventude, nos idos de 1950 e 1970, ela permanece no meu imaginário até hoje. Vou descrever como era nesta época, hoje cheia de mudanças e construções novas...

A primeira casa na esquina era linda, tinha janelas para esta rua e para a praça, pertencia a família Vivas, era antiga, muito grande, conservada e habitada por uma família bastante numerosa. Era bem ornamentada e nós crianças desta rua, na volta da escola, debruçávamos nas janelas admirando os quartos com colchas de tear, de crochê, móveis rústicos e antigos e uma enorme mesa com jarra com “penas de pavão” que só conhecíamos dos livros, era um encantamento ímpar. Logo após, havia um lote enorme cheio de gramas e flores nativas: Maravilha, Maria Gorda, Sempre Viva, etc. Em seguida, mais recuada, casa do Pascoalinho e Anita, muito aconchegante e com área grande na frente, onde brincávamos. Ao lado a casa mais antiga de Dorzinha e Dorango, com muitas crianças e muita alegria. Em frente a casa do João Benjamim e Lia, uns mimos de pessoas sempre com seu jardim florido. Logo após, a casa do tio Chiquinho, Alcemira e seu filho José. Nos fundos havia uma máquina “limpadeira de arroz” e sempre tínhamos problemas com os adultos por querer pular nas cascas, farelos de arroz e espalhá-los. Eles não deixavam, diziam que prejudicava o pulmão, mas pulávamos escondidos. Defronte à horta imensa do Sr. José Augusto havia vários pés de frutas e até vacas pastando. Depois existiam três casas altas que se destacavam: da Lenira, Tinarinho e Gracinha. Todos amigos, parentes e protetores das crianças levadas.

Tinarinho, com sua oficina debaixo da sua casa, confeccionava caixões. Trabalhava a madrugada toda, batendo pregos, tachinhas douradas. Era muito interessante ficar olhando sua habilidade com aquelas peças enormes de cetim roxas, pretas brilhantes confeccionando às vezes 1, 2 caixões ao mesmo tempo. Do outro lado, casa do Sr. Inacinho e D. Nenega (sempre tecendo), a casa aberta, cheia de pessoas com quintal enorme, parecendo um pátio para “amarrar cavalos” que vinham da zona rural para fazer compras. Horta imensa com grandes abacateiros e muito café. Morava também o Sr. Gustavo exímio sapateiro que confeccionava botinas, tamancos, sapatos de couro, cintos, bolsas e fazia a famosa “meia sola” nos sapatos. Tinha

o hábito de colocar seu paletó de casimira preta todos os dias para tomar sol, sentado numa cadeira, ao lado da rua.

Do outro lado, horta grande do Sr. José Avelino propícia para piques-esconde. À frente, a casa da tia Antônia Sampaio, carinhosa, atenciosa sempre de saia preta e seu “totó”, hoje coque, na cabeça, oferecia biscoito de polvilho que João trazia do bar do Zé Aleluia. Lute, sua filha lavando sempre enormes trouxas de camisas de jogadores do Time do Cruzeiro, quarando ao sol com sabão e folhas de assa-peixe... Logo na curva, Titina e Melquiades, ótimas vizinhas e mulheres batalhadoras. Em seguida, a casa número 324, onde nasci. Mamãe exímia costureira, fazia até vestido de noiva e ternos de brim. Vivia sempre rodeada de crianças, atendendo aos meus mimos com pipocas, docinhos e brincadeiras. Muita saudade! Logo após, casa das meninas da Vitória, três solteironas que cuidavam das roupas do padre, da igreja, da paróquia. Com extremo capricho, roupas alvas eram abertas nos arbustos para facilitar a “passação” que era toda com ferro de brasa. Antes engomadas e passadas por inúmeras águas com anil, em grandes bacias de alumínio. Eram artesãs, faziam cestas, bonecas de pano e de palha e outras coisas mais. A Maria Rita morava em outra casa. Defronte a horta grande de D. Zuína com muitas bananeiras e pés de coité a casa do Sr. Joaquinzinho e Conceição, pessoas brincalhonas e atenciosas com todos. Finalizando, casa da família do Zito, cuidada por Maria da Milota, exímia biscoiteira, confeccionava biscoitos como ninguém: os famosos “Barbacena”, broa de canjica, pão de queijo. Quando ia buscar lenha, levava nossa turma para passear e ver a lagoa do Sr. Olímpio, a Vargem, os esbarrancados, o chafariz, a Paineira da Vargem etc. Como desfrutávamos da sua companhia!

A última casa do Chicão e Floripes, escadas altas, muitas crianças, frutas e local de encontro nas tardes frescas para assentar nas pedras, prosear e ver o movimento.

Tempo de amizade, parcerias, partilhas e muita alegria.

Rua de poeira, barro, cascalho, vai e vem de carros, caminhões, cavalos, ônibus, muitas crianças, cachorros, galinhas e flores.

Casas de portas, janelas, portões escancarados, sem muros, nem passeios e muito menos cadeados nas portas. Moradores assuntando nas janelas, numa privilegiada convivência e harmonia.

**Maria Elena Caputo - Professora/Psicóloga**

# O ENGENHEIRO INGLÊS JAMES WELLS E SUA PASSAGEM PELA PROVÍNCIA DE MINAS GERAIS ENTRE 1873 E 1875

## PARTE I

O jovem engenheiro inglês James William Wells viajou e trabalhou em Minas Gerais (entre 1873 e 1875) e ainda por partes consideráveis do Brasil com uma equipe de engenheiros da Public Works Construction Company de Londres, empresa contratada pelo Governo Imperial para projetar e traçar o itinerário/ trecho final da Estrada de Ferro D. Pedro II, conduzindo os trilhos, em território mineiro, pelos vales dos rios Paraopeba e do São Francisco até Pirapora. Objetivo era ligar a ferrovia à navegação do Rio São Francisco, o que, afinal, acabou não se concretizando, adotando-se outra rota pelo vale do Rio das Velhas. Obra extensa, dispendiosa, que, segundo Wells, envolveria 6.220.766 jardas cúbicas de escavação; 647 aquedutos, 199 pontes, 3 viadutos com quatro vãos de 100 pés cada, 17 túneis com comprimento total de 14.645 pés. Diz-se que interesses políticos e a influência da poderosa família Mascarenhas, esta contrária à passagem da ferrovia por suas terras, fizeram mudar o itinerário. Nada a estranhar, em se tratando de Brasil!

James Wells era natural de Southampton, cidade no sul da Inglaterra, famosa por sua universidade e onde, provavelmente, teria cursado a faculdade de engenharia.





Os relatos de Wells compõem 2 volumes sob o título “Explorando e viajando três mil milhas através do Brasil – do Rio de Janeiro ao Maranhão”, publicados pela primeira vez em 1886 na Inglaterra. Valemo-nos, para essa matéria, de edição da Fundação João Pinheiro, 1995. A obra enfoca principalmente a questão do trabalho nos sertões brasileiros, em específico os rincões mineiros, onde era pouca a presença de escravos e os homens pobres se apresentavam em áspera luta pela sobrevivência. O autor desenvolve um olhar sobre os ermos perdidos de nosso território, afastando-se das descrições das vilas de ouro e distritos diamantinos, das cidades mercantilizadas da bacia do Rio das Mortes, comuns a outros viajantes como Richard Burton, Mawe, Saint Hilaire<sup>(1)</sup>. Wells não foi um viajante comum – residiu, conviveu, travou relações diretas e cotidianas com a gente da terra, daí suas descrições próprias sobre vilas, lugarejos, fazendas, pousadas, o comércio local, costumes, o lado socioeconômico do País e das pessoas.

Os personagens reais de Wells – sertanejos e habitantes ribeirinhos – orbitam vasto território pátrio entre o Centro-Norte de Minas e ainda o sul da Bahia, ao longo do Rio São Francisco, aos quais o autor empresta por vezes uma memória estereotipada, tipicamente colonialista ou afeta a uma cultura “moderna”. Os sertanejos portavam formas diferentes e mesmo incompreensíveis de vida para um “estranho”: valores, sentimentos, manifestações mais simples de religiosidade, porém, jamais inferiores, vistas pelo autor como um espaço de decadência e estagnação, fazendo coro às ideias hegemônicas das elites de que os sertanejos eram descaídos, primitivos, incivilizados, devendo ceder espaço à civilização e ao progresso. Historiadores e intelectuais tem por vezes resquícios de pensamentos eurocêntricos, legitimando as ações de grupos dominantes em que a culpa da situação dos segmentos sociais menos favorecidos é destes mesmos. Busca-se incutir a ideia de nossa ineficiência, nossa inferioridade e de que não somos sujeitos capazes de criar a nossa própria história, os nossos próprios destinos, numa perpetuação econômica e cultural do colonialismo.

Os relatos de Wells abrangem, por conseguinte, inúmeros retratos e sujeitos sertanejos: trabalhadores livres, proprietários ou não de um pedaço de terra, inclusive negros livres e escravos, fazendeiros menos abastados ou empobrecidos, vendeiros, tropeiros, barqueiros, moradores ociosos. Aponta os costumes e aspectos do povo interiorano, seus modos de falar, vestir, morar, alimentar, trabalhar, divertir, conviver. Descreve a flora, fauna, relevo, hidrografia e em especial o modo de produção dos vários gêneros de consumo da região, o comércio, os meios de transporte etc.

O autor é enfático, construindo a ideia de que as pessoas viviam na pobreza, resultante da forma como elas se relaciona(va)m com o tempo e o trabalho. Apresenta-nos um sertão caracterizado por sua inatividade e improdutividade, povoado por uma população sem ambição, sem esperança ou expectativa de mudanças, tão só “vegetando” e consumindo a produção e eventual riqueza acumulada dos antepassados. Na sua aceção, o trabalho é uma atividade regular, disciplinada e isolada da vida, associado à prática da limpeza, beleza, organização, diligência, saneamento, saudabilidade, o que destoava dos brasileiros cujas moradias geralmente eram “casinhas de pau-a-pique velhas e dilapidadas” (p. 265) “casebres de pau-a-pique e palha dilapidados e caindo aos pedaços” (p. 267) e onde “a sujeira e poeira circundantes e um sentimento pessoal de imundície todos propiciavam uma dor de cabeça” (p. 300), acentuando-se assim o cenário de miséria a tomar conta dos vilarejos.

Wells percorreu durante meses seguidos - e quase sempre só ou em companhia de nativos da região - um sertão pouco habitado, tendo a oportunidade de observar e vivenciar todas as características locais. É o único viajante que convive em pé de igualdade com o sertanejo, em especial com os trabalhadores ocasionais não qualificados, por ele contratados nas localidades onde acampava, para os serviços de abertura de picadas e levantamento de terrenos. Trabalha quase sempre com homens analfabetos, incapazes de entender o seu trabalho técnico-profissional e com quem não havia como sustentar uma conversação de maior nível e proveito. Era ele visto pelos moradores como uma curiosidade, uma excentricidade.



A esses, o autor retribui com um olhar por vezes irônico, derrisório, imputando-lhes uma postura indolente, imprevidente, falta de ânimo para o trabalho, bem como o conformismo e o descaso para com as possibilidades/viabilidades de empreendimento lucrativo e de auferimento de riqueza.

Comenta invariavelmente as dificuldades de recrutamento de pessoal. Para um trabalhador livre, em plena vigência da escravidão e dentro da transitoriedade social da época, o trabalho disciplinado, de subordinação, era algo próximo à condição de cativo. Daí a resistência em se sujeitar às regras de um trabalho assalariado ou de instrumentação normativa.

Itinerário – Deslocando-se do Rio de Janeiro, inicia seus trabalhos de levantamentos e agrimensura necessários para o posterior assentamento dos trilhos nas imediações do rio Paraopeba na altura de Capela Nova de Betim. Seguirá por essa região até onde hoje se encontra a represa de Três Marias, terminando a primeira parte de seus projetos em Pirapora, norte de Minas. Aí recebe a incumbência de prosseguir até a Bahia, seguindo o rio Grande, o rio Preto e o rio Sapão até a fronteira oeste do Estado. A primeira parte da viagem ocupa dois anos (o 1º volume de sua obra); a segunda parte, viajando sem sua equipe, em companhia única dos nativos da região, que inclui encontrar um caminho terrestre até o rio Tocantins e daí a descida do rio até o litoral norte do Brasil, demandando mais doze meses (2º volume). Viaja, nesse período, de canoa e ainda a cavalo pelos sertões de Goiás.

Wells falava bem o português, pois vivera algum tempo em Olinda (PE). Convive ele em pé de igualdade com o sertanejo, habitante de vasto território pouco habitado, tentando retratá-lo por inteiro sem partir do modelo romântico do homem natural ou exótico. É de se observar que os viajantes estrangeiros, de modo geral, deixaram observações desabonadoras e enganosas sobre o homem do interior do Brasil, pecado em, por vezes, cai Wells.

Roteiro em Minas - Wells, vindo de Três Rios (RJ), entrou em Minas aos 14-02-1873, atingindo pontos como Juiz de Fora, Chapéu d'Uvas, Barbacena, Carandaí, Congonhas do Campo ... Na altura



de Congonhas do Campo, abandonou a rota tradicional das minas (que levava a Ouro Preto e dali à região diamantina), direcionando-se para o noroeste rumo ao vale do Paraopeba, onde atravessaria Carandaí, Lagoa Dourada, São Gonçalo da Ponte (Belo Vale), São José do Paraopeba (hoje distrito de Brumadinho), São Joaquim de Bicas, estabelecendo-se na Fazenda Mesquita, nos arredores de Capela Nova (Betim), onde permaneceria por 5 meses. Dali seguiria para Santa Quitéria (Esmeraldas), Inhaúma, Cedro (Caetanópolis), Tabuleiro Grande (Paraopeba), onde fixou sua 2ª base de trabalho, aí permanecendo por cerca de 3 meses. No Natal de 1873, encontrava-se em Moquém no atual município de Corinto. Ao longo de 1874, trabalharia no vale do São Francisco, nos trechos entre a atual represa de Três Marias e Pirapora.

Em janeiro de 1875, deixando Pirapora, seguiria por terra, por Guaçuí, Porteirás, Coração de Jesus, Contendas (Brasília de Minas), Pedras de Maria da Cruz chegando a Januária. Sempre por terra, foi até Jacaré (Itacambira), descrevendo, impressionado, as formações calcárias (Reserva ou Parque do Peruáçu), daí alcançando Manga. Em 30-01-1875, após praticamente dois anos em território mineiro, entrou na Bahia, cruzando o rio Carinhanha. Residiria ao todo, no Brasil, 17 anos (entre 1869 e 1886), tendo se fixado, inicialmente, em várias cidades do nordeste brasileiro, em especial Olinda (PE). Viajaria ainda, nesse período, pelo Norte (Tocantins e Pará). Autor ainda de um romance, tendo como tema a região amazônica.

Linguagem e visão do interior do País - Wells utiliza-se de uma linguagem por vezes leve, explorando construções sindéticas e sinonímicas, eventualmente apelativa, burlesca quando na abordagem de alguns diálogos e cenas. Sua escrita é objetiva, temperada com humor, próprios de sua condição de engenheiro e de inglês da era vitoriana. É por vezes rude nas suas considerações sobre os brasileiros de classe baixa (“excessivamente pacíficos”, vol. I, p. 218) indolentes. “A pobreza que existe no Brasil deve-se pura e simplesmente à extrema indolência” (vol. I, p. 106). A miséria por ele registrada era a mesma existente na Europa ocidental antes da

Revolução Industrial. Observa a tendência, senão uma obsessão mercantilista, em se produzir sempre mais e mais, antes para o mercado do que para o consumo imediato. A dicotomia e a polarização entre o litoral civilizado e o sertão bárbaro é presencial. “Um interior estagnado, decadente, uma grande região, na verdade, contendo uma grande população, mas que se espalha por uma vasta área longe dos mercados e com suas únicas comunicações proibitivamente caras, de modo que a massa da população simplesmente vegeta como as árvores em volta deles” (vol. I, p. 34); “No interior distante, a marcha do progresso é tão lenta que não ocorre praticamente nenhuma diferença perceptível no decorrer de uma dúzia de anos” (vol. I, p. 34); “...vilas e arraiais monótonos, sonolentos e decadentes e as enfarruscadas localidades do interior” (p. 37).

Adepto da imigração estrangeira, Wells é muito otimista quanto ao futuro do País: “Brasileiros e estrangeiros estão fazendo do Brasil o lugar que ele deveria ser entre as grandes nações da Terra”. Externa a opinião de que somente “imigrantes diligentes e esforçados”, transplantados da Europa, poderiam contribuir para a modernização e o desenvolvimento socioeconômico do Brasil, perspectiva defendida por muitos pensadores e políticos brasileiros, ao longo da metade do século XIX e difundida até o final da 1ª República. Sobre o vale do São Francisco, profetizou: “Chegará o dia em que este vale será ocupado por uma raça mais enérgica, empreendedora e seus potenciais de riqueza desenvolvidos” (vol. I, pp. 337, 398). Menciona a generosidade dos moradores para com estranhos e o fato das pessoas se cumprimentarem afetuosamente, abordando, ademais, as imensas potencialidades do País, em especial para investidores estrangeiros, nas áreas de comunicações, exploração mineral, criação de gado, lavouras (para ele a “negligenciada riqueza vegetal”), hoje o agronegócio.

Quanto aos índios, de que tem opinião latente, eloquente, “civilizatória”, Wells era de parecer que, ao contrário do massacre arbitrário de que foram e eram vítimas, deveriam receber tratamento justo e humano por parte do Império e da sociedade e assim se tornarem





cidadãos úteis, laboriosos, integrados. Muito simpático e enaltecedor ao trabalho do negro. Observa que “a despeito de tudo o que tem sido escrito e dito sobre a indolência do negro, observo que no interior do Brasil o negro livre é o trabalhador; os negros puros são de longe os habitantes mais inteligentes e industriais. Eu não poderia conceber um camarada melhor do que o meu tropeiro Chico; ele era habilidoso, atencioso, respeitoso, honesto e prestativo” (vol. I, p. 284). Descreve os “abrigo miseráveis em que tem a viver os negros e que sobre as mulheres negras e amorenadas recaem quase todo o trabalho”.

## ITINERÁRIO DE JAMES WELLS PELO INTERIOR DE MINAS GERAIS

James Wells, vindo do norte do País, chegou ao Rio de Janeiro em janeiro de 1873, juntando-se a uma equipe de engenheiros ingleses contratados pelo Império Brasileiro para “fazer determinados levantamentos e explorações no interior do Brasil”. Dentre os projetos, estava “um levantamento ao longo dos vales do Rio Paraopeba e do Rio São Francisco até a cachoeira de Pirapora (...) visando determinar vantagens relativas desse caminho ou de outro ao longo do Rio das Velhas para a extensão final da ferrovia D. Pedro II até o ponto que a colocasse em comunicação direta com a navegação do Rio São Francisco” (vol. I, p. 61); “A segunda seção deveria consistir de uma exploração através de levantamentos de estradas, nivelamentos barométricos e relatórios sobre os distritos entre os rios São Francisco e Tocantins com o fim de (...) ligar o tráfego navegável do São Francisco ao Tocantins, de modo que, estando terminada a Ferrovia D. Pedro II, uma grande linha de comunicação interna pudesse ser criada do Rio de Janeiro ao Vale do Amazonas” (p. 61).

“**Ser funcionário público**” – Excesso de liberdade/omissão das autoridades - Observou que a maior parte do comércio em especial no Rio de Janeiro estava em mãos de estrangeiros, pois “um brasileiro prefere levar uma vida de semiprivação como funcionário público do que manter uma loja” (p. 54). Relata ainda um incidente de trânsito, gerando desperdício de tempo e esforço, e que na ótica do autor causado pelo excesso de liberdade existente no País e maximizado pela ausência de policiamento mais eficaz: “...filas de bondes encontram-se bloqueadas, enquanto um carro de bois descarrega sua carga em alguma loja; os condutores dos bondes apelam ao carroceiro para que remova o seu carro; os passageiros enfurecem-se ou descem e seguem a pé; o carroceiro para seu trabalho, encara sordidamente os condutores e no íntimo, rejubila-se com a oportunidade de causar tumulto (...) a carroça permanece parada e mais bondes chegam; nenhum policial ativo aparece para dizer: “circulando”, pois este é um país da liberdade e o carroceiro livre e independente gasta o tempo que bem lhe apetece” (p. 43). Pouca diferença nos dias de hoje: um simples acidente de trânsito paralisa uma rodovia por horas ou dias, gerando engarrafamentos gigantescos e prejuízos incalculáveis para as pessoas e a economia do País!

**Saída do Rio de Janeiro** - Wells inicia sua viagem, partindo de trem do Rio de Janeiro a 14-02-1873, passando pelas estações de Belém, Barra do Pirai, Três Rios. Na viagem de trem ao longo do rio Paraíba, Wells notou que o vale pertencia a poucos brasileiros



A entrada do porto do Rio de Janeiro

abastados, barões e viscondes, os quais exerciam tamanha influência que a ferrovia teve que cruzar o rio cinco vezes, entre Pirai e Porto Novo da Cunha “... sobre pontes longas e caras para servir os interesses de um barão daqui, um visconde dali” (p. 65). De Três Rios vão de carruagem até Juiz de Fora, onde se hospedam e onde Wells contratou o guia Antonio e quatro mulas para seguirem pelas pequenas estradas do interior. Partem de Juiz de Fora, utilizando-se, doravante, de mulas em direção a Chapéu D’Uvas “a 20 milhas de Juiz de Fora” (p. 73), onde pernoitam precariamente. Dali atravessam (“sobem”) a Serra da Mantiqueira, realizando mais um pernoite no caminho, descrevendo o autor as inúmeras espécies da flora e fauna, atingindo por fim a vila de Barbacena.

**Barbacena** - “Barbacena está situada sobre o cume de montanhas e domina paisagens extensas da região circundante. O acesso a ela



As barrancas ou destiladeiros dos campos perto de Barbacena

se dá por caminhos íngremes de argila amarela e cascalho de quartzito (...) Enquanto subimos, choupanas de pau a pique, pequenas casas de adobe e umas poucas maiores enfileiram-se de cada lado do caminho; as casas tem quintais cercados ou murados, as choupanas simplesmente dão para o mato do vale. Chegando ao topo (...) passamos a pisar as ruas dolorosamente pavimentadas da velha cidade. Ao cavalgarmos ruidosamente pelas pedras redondas, o barulho é quase chocante (...) atraindo a muitas portas e janelas as cabeças dos habitantes (...) para ver a “gente de fora” chegar. Algumas das casas são grandes, com vidraças nas janelas, paredes revestidas ou pintadas, beirais salientes de telhas vermelhas e calçadas de tijolos



A estrada para Barbacena próxima ao cume da Serra da Mantiqueira



na frente (...) Passamos por casas e lojas menos pretensiosas até casas de janelas sem vidraças, cujas fachadas caiadas e rebocadas estão manchadas pelo tempo ou de onde o reboco caiu, deixando visíveis brechas de adobe e estrutura” (pp. 83/84).

O autor informa terem se hospedado no Hotel Barbacense, “um velho casarão na Rua do Rosário”, após três dias de cavalgada. Faz comentários sobre o interior do imóvel e o nível de hospedagem, local repleto à mesa de “negociantes, fazendeiros e arrieiros de tropas, bastante sujos da viagem” (p.85). Descreve passeios na manhã seguinte no entorno montanhoso de Barbacena com considerações sobre o relevo e cobertura vegetal, registrando que “as queimadas anuais de campos, que ocorrem todo agosto, destroem as árvores jovens incapazes de resistir a elas, deixando apenas árvores como as que se encontram nos cerrados, que podem resistir, igualmente, ao fogo, à água, ao frio, ao calor, à umidade e à seca” (p.89).

Tal qual Richard Burton e outros viajantes anteriores, Wells menciona a condição estratégica de Barbacena: “tem sido, há muitos anos, um empório central para o tráfego de uma vasta área de Minas, especialmente de sal importado (...) As mercadorias de algodão e sal são os principais itens de importação e a farinha de trigo forma a maior parte dos cereais importados. As exportações indicam a natureza da produção local: carne de porco, tabaco, cal, cerâmica, milho e feijão são as principais produções” (p. 89, nota 26).

Após despacharem, com antecedência, provisões e equipamentos, por carros de bois, “que não fazem mais de oito ou doze milhas por dia”, em direção ao Rio Paraopeba, Wells e comitiva partiram de Barbacena no dia 16/02/1873, seguindo por “estrada miserável”, na verdade, “uma série de trilhas mais ou menos paralelas, largas ou estreitas (...) onde nunca houve qualquer macadamização, drenagem ou outro trabalho para construí-la, além da foice e do machado, seguidos pelos cascos dos animais e as rodas dos carros de bois” (p.92). Apesar das péssimas condições dos caminhos, o autor refere-se, contudo, ao tráfego de “muitas tropas de mulas e carros



A descida da Serra das Boas Mortes

pequena hospedaria e fazenda à beira da estrada para passarmos a noite” (p. 95); “lugar de aparência miserável”, onde a comitiva enfrentaria à noite “torturantes comichões” de ataques de carrapatos, movendo-se pela manhã. “Um dia de cavalgada sem incidentes (...) levou-nos às proximidades da muita pitoresca cidade de Congonhas do Campo” (p. 97), onde se hospedaram na varanda do Alferes Gurgel. Localidade muito pitoresca e atraente, cheia de prédios curiosos e com coisas curiosas dentro” (p. 98). Faz referências à considerável extensão e tamanho da igreja, convento e colégio de Nossa Senhora da Conceição (p. 97), além de visitas pela cidade. Dali prosseguem viagem, galgando montanhas e elevações (“a estrada coleia em torno de montes”) (p. 100) por cenários de contínuas belas paisagens (“belas vistas aqui são tão abundantes como mercadoria enalhada”) (p. 100). Atravessam a Serra das Boas Mortes com seus “contrafortes salpicados de penedos de serra...” “profundas ravinas e vales estreitos ou largos com florestas” (p. 102), avistam o Rio Paraopeba, chegando ao entardecer a São Gonçalo da Ponte (Belo Vale) (p. 103) “consistindo de uma velha igreja em forma de celeiro, com uma cruz grosseira de madeira diante dela no último estágio de ruína” “as casas estão espalhadas irregularmente (...) algumas tem bom tamanho e são bem construídas, mas agora estão em ruínas (...) “o solo é rico como se pode ver pela densa vegetação de mata e umas poucas árvores frondosas que enchem os espaços (...) Há uma vendinha pobre, uma ferraria e um rancho de tropeiros” (p. 103). Faz observações sobre a pobreza ali reinante: “pessoas desprovidas de mesmo uma colher ou garfo de ferro ou de uma panela de ferro”, esclarecendo, contudo: “não há uma falta absoluta de comida; a terra é tão generosa que recompensa amplamente o mínimo cultivo; todos, mesmo os mais pobres, tem lá os seus pezinhos de milho, cujos grãos são moídos em um pilão rústico de madeira, a farinha grossa é então cozida em uma massa dura, nutritiva e saudável (o



Beira-rio em São José

de bois...o trânsito contínuo e volumoso de exportação do interior, de rapadura (tijolos de açúcar comprimido), cachaça, milho, feijão, farinha, couro, tabaco etc. e uma importação de retorno que consiste principalmente em sal, além de ferragens, ferro, louça, produtos de Manchester, secos e molhados, dentre os quais figura uma grande quantidade de óleo de parafina” (p. 92).

**Carandaí** - Viagem em contínua marcha, “por volta das 3 da tarde, chegamos a uma chácara de beira de estrada, com uma vendinha ao lado, em frente à qual há um rancho de tropeiros aberto (...) uma tabuleta no canto do muro indica nº 1, Rua do Comércio, Carandaí” “Nossos hospedeiros eram um próspero e portanto industrioso casal de negros (...) excelentes anfitriões fazendo o que podiam para nos agradar e prestando inteligente atenção aos nossos pedidos...” (p. 93). Refere-se à “bela região” por onde cavalgavam, o “pouco trânsito”, “uns poucos roceiros a cavalo ou raramente uma tropa de mulas ou bois, pois abandonamos a estrada principal...” (p. 94) “Os numerosos riachos que brotam à esquerda e à direita dos cumes” Prevê que, ante a abundância de água, e topografia a região ainda seria próspera... (ver nota 2).

**Congonhas do Campo e São Gonçalo da Ponte (Belo Vale)** - Na tarde seguinte, chegaram a Bandeirinha<sup>(3)</sup> (Lagoa Dourada), “uma



Hospedaria de beira de estrada em Bandeirinha (Lagoa Dourada-MG)



conhecido angu) e, portanto, ninguém precisa morrer de fome. A pobreza que existe se deve pura e simplesmente à extrema preguiça. As pessoas, porém, são muito educadas e mesmo respeitadas e excepcionalmente discretas; o último é um traço de caráter raro. As mulheres parecem fazer a maior parte do serviço, pois trabalham nos campos, fiam e tecem, fazem renda e costuram para si e os maridos” (p. 106).

**Rumo a São José do Paraopeba** - Na manhã seguinte, “cruzando muitos esporões das serras vizinhas”, “atravessando roças velhas”, “sedes de fazendas velhas mas sólidas”, seguem em direção a São José do Paraopeba (hoje distrito de Brumadinho). Informa: “Nada é novo nesse vale, tudo é velho, gasto e decrépito” (p. 106). O autor ressalta o elevado número de pessoas portadoras de bócio e ainda de vadios ocorrentes naquela região. Em São José, eram já aguardados por compatriotas, razoavelmente bem instalados, “esperando pela chegada de equipamentos e bagagens” (p. 107) “algo extremamente agradável pelo encontro nos remotos grotões do Brasil”.

Alguns moradores inoportunos - A casa onde se hospedavam passou a ser sistematicamente assediada e praticamente invadida por moradores locais, que ali adentravam e se movimentavam livre e intempestivamente. A um dos moradores desocupados que, invariavelmente e de forma inoportuna, abusiva, frequentava-lhe a casa, remexendo objetos, pulhando, incomodando, o autor fez-lhe ver que sua conduta era inconveniente e sua visita incômoda, despropositada. O morador foi extremamente ríspido. “Quando advertido, respondeu que ele não era escravo e sim um homem livre e que tinha o direito de visitar quem quisesse” (p. 109).

Elogia, todavia, outros tipos de visitantes “fazendeiros das vizinhanças, comerciantes locais, sujeitos bons, simples e honestos que conversavam sensatamente e nos davam conselhos úteis (...) educados, calorosos, francos, corteses e discretos em seus modos...” Eram, porém, sagazes, astutos “sempre prontos e ansiosos para fazer um bom negócio e com que lucro! Tudo o que compramos foi-nos vendido por cerca de quatro vezes o seu valor” (p. 107).

Um membro da equipe, assim relata o autor, montando o velho burro cinzento, seguira só para o quartel general da empresa em Capela Nova (Betim).



Colapso da mula na estrada

**São José do Paraopeba** - Descreve-nos a vila de São José do Paraopeba: “A vila de São José contém mais ou menos 100 casas e casebres, todos descuidados e mais ou menos dilapidados, situados em sua maioria de cada lado de uma rua comprida e intermitente (...) A rua termina em umas poucas trilhas que levam por uma la-

deira íngreme a um morro baixo, redondo, no topo do qual há uma praça irregular com casas separadas e a igreja (...) A igreja é uma construção de adobe simples e caída com aspecto de celeiro (...) Na vila e em torno dela (...) a vegetação cresce selvagem, mas mesmo esta tem aqui uma aparência suja, desleixada, mirrada” (p. 110).

“Os habitantes da vila e da região circunvizinha são, sem dúvida, extremamente pobres (...) Quase a totalidade do que se produz é consumido no local; certas mercadorias são importadas de Barbacena tais como morim para lençóis, estampas baratas, xales espalhafatosos, pólvora, balas de revólver, sal, algumas ferragens, bacalhau salgado, vinho, mas o que intriga é de onde sai o dinheiro para pagar por elas. Todos os artigos da produção local são baratos, frangos gordos (...) ovos (...), milho e legumes são extremamente baratos, assim como os peixes do rio, quando os há” (pp. 110/111).

Dia 27/02, o autor desloca-se só para Capela Nova (Betim) cavalcando o “velho burro cinzento” e que iria empacar no caminho. “Uma estranha sensação de solidão que me encontrei assim jornadeando sem companhia e sem guia pela primeira vez no Brasil” (p. 113). Pernoita em uma localidade denominada Neotim (hoje o famoso parque Inhotim), onde “não há mais de uma dúzia de casas (...) todas modernas”. Prosseguindo, passa pela Serra dos Três Irmãos, entre os rios Paraopeba e Pará e após tentar vários caminhos que se bifurcavam e levavam a outros caminhos ou a nada, lembrando que o burro tinha carregado anteriormente um companheiro seu até a fazenda dos Mota, tendo se perdido, decide o autor “confiar no instinto do animal”, dando-lhe rédea. O animal liberado “retorna à estrada principal, vira por uma trilha mais batida (...) prosseguindo sem hesitar (...) atravessa trechos de mata (...) e finalmente leva-me a um grupo de prédios da fazenda” (p. 119). Recepcionado por um compatriota, após conhecer o entorno da propriedade com seus monjolos, senzalas, engenhos em ruínas, prossegue viagem rumo a Capela Nova (Betim).

**Nota** – A fazenda do Mota, mencionada pelo autor, é hoje o bairro Citrolândia e outros núcleos adjacentes da cidade de Betim, na região metropolitana de Belo Horizonte. Ela seria desapropriada pelo governo do Estado em inícios do século XX e ali instalada a Colônia Santa Isabel, destinada ao tratamento de hansenianos (leprosos). A Colônia ocuparia cerca de 5 milhões de m<sup>2</sup>, delimitada pelo Rio Paraopeba. Ver matéria, a esse respeito, em nosso boletim nº CV – junho/2016.



ilustração James W. Wells

## UM NOVO TEMPO PARA A EDUCAÇÃO



Na contemporaneidade os setores da sociedade têm voltado às atividades de forma limitada e organizada dentro dos protocolos da saúde pública a fim de continuar se precavendo contra o novo coronavírus. Os que não conseguiram se adequar, mudaram de ramo ou encerraram suas atividades. A tecnologia ajudou muito na disseminação da informação, conhecimento, compartilhamento de dados, negócios, acesso à educação, conversas por aplicativos e redes sociais aos que estavam longe do convívio, etc.

De uma coisa sabemos: que embora a pandemia trouxesse prejuízos enormes à humanidade, acelerou ações que emergiram o homem numa atualização aos recursos tecnológicos. Mas será que todos puderam ser incluídos neste sistema? E quem não teve acesso como ficou? Às margens? No entanto até hoje continuam as desigualdades sociais, problemas econômicos, crise sanitária e as incertezas que ainda rondam a humanidade, COVID-19 e as demais variantes.

Fazendo um recorte para o segmento da educação os impactos da pandemia pegaram todos de surpresa e tudo aconteceu muito rápido afetando o processo de ensino e aprendizagem. Porém as escolas buscaram formas de atingir os estudantes, levando em consideração as condições de cada região pelo grande Brasil.

No segundo semestre de 2021, a maioria das escolas retornaram as aulas presenciais, outras ainda não. Porém, é preciso continuar pensando em uma educação para um novo tempo. Novo por se tratar de um estilo de vida que o mundo vive e exige. É oportuno continuar pensando, dialogando, revendo posturas e criando estratégias coletivas e adequando as particularidades de cada localidade. As mudanças, experiências, partilhas, questionamentos, alterações, reestruturações, readequações devem continuar, pois ainda estamos num cenário de incertezas, porém há a necessidade de continuar a vida, dentro do novo normal.

O novo tempo para a educação é um chamado para sentir, viver o momento presente, cuidar de si e do outro nos ambientes públicos, compartilhados. O homem como um ser social não vive só e muito menos isolado. Há a necessidade de manter as relações, laços de amizade, afeto e partilha. Seja no âmbito familiar, escolar e nos espaços de sociabilidade e trabalho. As novas vivências, mesmo que em espaços adaptados, modificados tornam-se aprendizados e instrui o ser humano para a reinserção no cotidiano. Sabe-se que a pandemia ainda assola o mundo em que vivemos. É inevitável não ter medo e receio, mas as vacinas estão aí para ajudar a sociedade caminhar. Os cientistas não pararam, continuam pesquisando, testando e buscando formas de controlar esse inimigo invisível.

A criação de novos processos educacionais possibilita que o ensino passe por mudanças saindo do sistema meramente tradicional privilegiando e criando novas formas de interações sociais

no espaço escolar e fora dele, sobretudo no pós-pandemia. Juntos podem gerar ações concretas, desenvolvendo processos e práticas sociais no âmbito da educação e para além dela.

Pessoas adoeceram mentalmente devido às pressões, medos e tantas informações que circularam a respeito da COVID-19. Assim, com a interação os indivíduos se sentem à vontade para partilharem suas preocupações, angústias e, sobretudo o apoiar uns aos outros na convivência em espaços adaptados e reinventados.

Como parte dos processos sócio-educacionais, os espaços do saber devem se organizar trazendo para o enredo da modalidade, etapa ou tipo de ensino, estratégias, metodologias ativas, flexibilidade, criatividade, inovação, conectividade, autonomia, estímulos, inclusão social, protocolos de saúde pública, sustentabilidade, além dos recursos tecnológicos como ferramentas essenciais para o compartilhamento e interligação do processo ensino aprendizagem, sejam eles por meio do ensino presencial, híbrido ou totalmente remoto/virtual.

Estamos aos poucos saindo de um período pandêmico, com isso, os sistemas tiveram que se reinventar e vários recursos como internet, rádio, TV, material impresso, aplicativos de conversas foram colocados para que o ensino chegasse ao seu destinatário, o aluno. Qualquer um deles foi o caminho para criar um ambiente específico de aprendizagem. Hoje é preciso agregar as ferramentas aos conteúdos pedagógicos. Esperamos não viver tão cedo outro período como foram nesses dois últimos anos. No entanto, é oportuno consolidar as diversas formas de como o conhecimento pode chegar aos educandos e, como as ferramentas podem ser um apoio à aprendizagem. Contudo, o governo deve possibilitar condições aos alunos de ter acesso aos recursos, além de dotar com infraestrutura física e tecnológica os espaços escolares. Capacitar os profissionais da educação, dar suporte e recursos financeiros para formação continuada, além de valorizá-los na carreira.

O avanço para uma educação pública, conectada, prevê relações de mutualidade na prática pedagógica nos momentos presenciais, híbridos e virtuais, seja no espaço físico ou virtual despertando nos educandos competências e habilidades para a continuidade do aprender por toda vida.

Cabe aos sistemas de ensino refletir, replanejar, projetar ações e estratégias que apontem possibilidades reais utilizando elementos tecnológicos. Garantindo também o alcance das metas da educação nacional. Só assim poderemos criar expectativas, executar ações sólidas para uma educação com equidade, igualitária, inclusiva e vislumbrar conquistas, bem como impulsionar mecanismos de uma educação pública de qualidade.

**Marcus Santiago**  
IHGST/ALSJDR



# Calendário chinês 2022 o ano do Tigre

O Ano novo chinês inicia-se em fevereiro de 2022 tendo como regente o signo do Tigre. O ciclo/calendário chinês é lunar regendo-se ainda por referências energéticas (Yin/yang) por influência do Taoísmo, uma das grandes religiões orientais e dos elementos (em 2022 – a água).

Segundo estudiosos, o signo do Tigre trará dinamismo incomum, por vezes impulsivo às ocorrências cotidianas e mundiais.

A ação fluida da água se mesclará com os movimentos intensos do tigre devendo as pessoas buscarem/exercitarem sabedoria, transparência, perspicácia, cautela em suas atitudes e escolhas pessoais e coletivas.

Os aspectos emocionais estarão mais aflorados, abrangentes exigindo uma comunicação mais aberta, madura, criativa, de diálogo.

Será um ano de intensa quantidade de comunicações, muitas delas inverídicas (fake news), daí a importância do autocuidado e discernimento nas relações interpessoais.

Será ainda um ano de tensões, transformações, a humanidade buscando dar grandes passos no caminho de sua evolução, invenções tecnológicas, avanços nas áreas da psicologia e medicina serão consumados.

Observar-se-á, igualmente, uma preocupação das pessoas quanto a sua identidade, seu burilamento e evolução pessoal, profissional e social.

2022 será um Ano de polarização, turbulência de um lado e muita garra, inovação, modernidade e iniciativa de outro. Instabilidade nas finanças e na natureza (clima, epidemias). Reformas estruturais sendo realizadas com rapidez por empresas. Ano de grandes progressos na informática, na ciência médica, na gestão empresarial e redes sociais. A solidariedade e a religiosidade, a sensibilidade, o empreendedorismo em alta convivendo com negacionismos, intolerâncias, radicalismos. Embate de forças titânicas, não será um ano pacífico.



## Ritópolis

A cidade teve suas origens no século XVIII como vila de abastecimento agropecuário. A Vila de Santa Rita do Rio Abaixo, como era chamada, foi fundada por tropeiros e emancipada em 30 de dezembro de 1962. A primeira referência documentada da antiga Santa Rita do Rio Abaixo consta na certidão de batismo de Domingos da Silva Xavier, irmão mais velho de Joaquim José da Silva Xavier (Tiradentes), ocorrido em 25 de junho de 1738. A vila nasceu no início da construção da capela por volta de 1713 que, apesar de descaracterizada devido a um acréscimo frontal ocorrido em 1918, está preservada até hoje. Atualmente o local é denominado Praça Tiradentes em homenagem a seu filho maior. Já recebeu o nome de Largo e Arraial. Os séculos de história deixaram alguns exemplares de arquitetura em pedra, pau-a-pique, abobe e tijolos. A praça estende-se pela rua Santa Rita até o largo do Rosário que, por sua vez, estende-se até o cemitério, numa altitude que varia entre 1000 e 1100 metros. Deste local tem-se uma bela vista, na qual pode-se avistar a Serra de São José e a Serra do Lenheiro, além das montanhas que envolvem as cidades de Resende Costa e Conceição da Barra de Minas.

### E-MAIL

[higino.sousa@hotmail.com](mailto:higino.sousa@hotmail.com)

### LINKS

[www.ritapolis.mg.gov.br/](http://www.ritapolis.mg.gov.br/) | [www.turismodeminas.com](http://www.turismodeminas.com) | [www.descubraminas.com.br/Turismo/Destino.aspx](http://www.descubraminas.com.br/Turismo/Destino.aspx) | [www.institutoes-tradareal.com.br](http://www.institutoes-tradareal.com.br)

### SITES DE EVENTOS

[www.minasgerais.com.br/pt/eventos](http://www.minasgerais.com.br/pt/eventos)

### CIDADES LIMÍTROFES

- Resende Costa - São Tiago - Conceição da Barra de Minas - Coronel Xavier Chaves - São João Del-Rei.

### DISTÂNCIA DAS CAPITALS:

São Paulo: 500 km - Rio de Janeiro: 352 km - Belo Horizonte: 230 km - Brasília: 897 km - Salvador: 1.667 km - Vitória: 608 km

### RODOVIAS

- BR-381 - BR-040.

# INSPETORES ESCOLARES DE SÃO TIAGO

Em São Tiago nas décadas de 1960 a 1990 havia inúmeras escolas estaduais e municipais nas comunidades rurais e algumas na sede do município. Não eram escolas grandes, cheias de alunos, mas sim organizadas em quartos dos casarões, salas construídas em fazendas e outras em espaços um pouco maiores devido haver mais alunos na região.

Embora já houvesse o serviço de supervisão pedagógica para escolas maiores, as pequenas não tinham esse atendimento. Quem fazia esse serviço eram as inspetoras escolares.

O serviço de inspeção escolar aparece na legislação educacional em 1932 na reforma do ensino secundário. Em São Tiago houve inspetores escolares com o fim de fiscalizar a instrução primária e participar como examinadores dos resultados finais dos concluintes do Curso Primário. Os inspetores mais antigos foram os referidos vigários de São Tiago, Revmos. Pe. José Mendes dos Santos e Pe. Júlio José Ferreira. Anos depois com a criação do Grupo Escolar “Afonso Pena Júnior” sucederam-lhe outros nesta função: Pe. José Duque de Siqueira, Henrique Pereira Santiago, Maurício Jéfferson Pinto, Monsenhor Francisco Eloi de Oliveira, Vicente José Mendes, dentre outros.

Atualmente a função do inspetor escolar relaciona-se com atribuição de quadros de professores, carreira, vida escolar do alunado, funcionamento e regularidade dos estabelecimentos de ensino, além de executar ações corretivas dos atos e procedimentos administrativos das unidades. A atuação não se limita às escolas públicas, mas também às particulares.

As inspetoras de destaque, que exerceram o cargo em nosso município, foram as senhoras Elena Lopes de Resende e Maria da Conceição Silva Mata. Profissionais de destaque não só neste serviço, mas em muitas ações sociais e voluntárias da comunidade. Eram lotadas na antiga Delegacia Regional de Ensino, hoje, Superintendência Regional de Ensino de São João del-Rei, da Secretaria de Estado da Educação de Minas Gerais.

Nas décadas de 1970/1980 a população são-tiaguense ainda era grande no meio rural, fato pelo qual existiam muitas escolas, movimentos nos povoados, caminhões de leite. A presença das escolas e movimentos nas capelas das comunidades era grande.

As professoras rurais tinham que morar na localidade ou ficar toda a semana na escola e vir de carona no caminhão de leite

ou em carro de algum fazendeiro ou sitiante.

Em São Tiago havia o curso de formação de professores primários e muitas se formavam começavam iniciavam sua profissão nas comunidades rurais. Sem experiência, mas com muita vontade de ensinar. Nos povoados existiam também as professoras efetivas “leigas” que trocavam experiências com as novatas.

As inspetoras para atenderem as unidades escolares se dividiam no município para visitas periódicas a fim de inspecionar a regularidade da vida escolar dos alunos e servidores. Por não haver o especialista nas escolas rurais, as inspetoras assumiam a parte de supervisão pedagógica. Nos livros de termos de visitas das inspetoras constam, informações além da organização da parte administrativa, cumprimento de horários, regimentos, normas e leis vigentes do ensino básico; orientações didático-pedagógicas instruindo as professoras no acompanhamento, planejamento, organização de avaliações, práticas de ensino, apoio e suporte pedagógico ao ensino-aprendizagem.

As inspetoras Elena e Maria da Conceição sempre prestaram um serviço de qualidade no município buscando melhorias para as ações do ensino-aprendizagem de forma igualitária tanto na rede estadual quanto municipal. Faziam cursos em São João del-Rei, Belo Horizonte, Juiz de Fora muitas vezes com recursos próprios.

O Inspetor Escolar é um profissional importante na organização das escolas. Sempre foi e será necessário.



**Marcus Santiago**  
Membro do IHGST/ALJDR

## PRESENÇA DA BANDA NOS EVENTOS DA CIDADE

A tradição musical em Minas Gerais é de longa data e nas cidades interioranas é mais forte ainda a presença das liras em eventos religiosos, cívicos, militares, sociais e culturais.

Em São Tiago houve corporações antigas das quais quase não temos registros na história local: Lira Municipal Santiaguense, Lira Santa Cecília. A música faz parte da cultura são-tiaguense e vários são os musicistas que vão deixando o legado e a comunidade nunca fica privada da boa música.

Monsenhor Elói foi um grande entusiasta, embora não fosse músico incentivou a criação de uma corporação musical para a formação de adolescentes e jovens na música. Assim, criou a imponente Lira da Imaculada Conceição fundada na década de 1960. Além de formar novos músicos, os eventos da cidade teriam mais solenidade e brilhantismo.

A banda faz parte da nossa tradição na Semana Santa, na Festa de Julho nas procissões, inaugurações, eventos culturais e até em momentos tristes. Em tudo tem que ter a presença da banda tocando,



se não a tem parece que falta alguma coisa.

Hoje a Lira da Imaculada Conceição é um patrimônio da comunidade são-tiaguense. Segue sob a regência do maestro Tássio Resende a sua missão desde a fundação, formando músicos, levando alegria, descontração, espiritualidade e emoção por onde passa.

**Marcus Santiago**  
Membro do IHGST/ALSJDR





## AQUELE QUIPROQUÓ EM PLENO AI 5

Imprudência aproximar-se mais, por mais espicada a curiosidade. Um quiproquó descomunal àquela hora, quase duas da tarde, justamente naquele local, proximidades do coreto, artéria principal da cidade, mormente para quem se dirigia à rodoviária. Era o momento do rush, da saída de inúmeros ônibus interurbanos. Histórica cidade de São João Del-Rei. Ano 1969, época do regime militar, em plena vigência do famigerado AI-5. Um remoer de fúrias, um crepitar de impérios, eis o espetáculo antevisto. Situações daquelas embaçadas, rançosas. Poder-se-ia ser colhido por uma bala ou, quem sabe, após o primeiro estampido, ter-se que correr como louco ou como alguém trêmulo acometido de súbito sezão. Somente os mais apressados e alguns, sem voltar-se, atinham-se a tal cautela. Ao custo de cotoveladas e empurrões, aproximando-se o máximo possível, podia-se vislumbrar dois vultos em proeminência, ao destempero verbal, no insólito visual. Um senhor austero, de jaleco, o outro sob vistoso fardamento. Alguém esclarece: - uma discussão das bravas entre o farmacêutico José Walter e um militar do Exército, por razões, não se sabe bem, se de acerto de contas ou desacerto no aviamento de uma receita. Ou questiúnculas pessoais. Àquela altura, em vão o bom senso, a civilidade, pois tudo tornara-se um campo minado, bravatas a plenos pulmões.

De fato, para quem se aproximasse mais, o duelo de predicativos, de sacrificados adjetivos - dueto de toscos insultos - após acudida pesquisa, provinham do interior, na verdade, portas da Farmácia Nossa Senhora da Penha, dali ganhando passeios, avenida, até o córrego Lenheiro. Termos discursivos que ribombavam pelos ouvidos, velhos portais, surradas calçadas, chegando ao pátio da rede ferroviária, do outro lado do canal fluvial. Pessoas, aos cutucões, empurrões, porque queriam se informar uns, outros porque desejavam passar, forçando travessia, pois tinham que cumprir horário médico, tomar ônibus na velha rodoviária. Uma agonia para apressados, um oásis para despreocupados. Importavam menos as imprecações ouvidas, pois outras se vinham lhes sobrepor, a cobri-las, agigantando-se a perplexidade, a singularidade reinante.

- O senhor sabe com quem está falando? Analfabeto, mineiro matuto que é, sequer deve reconhecer estas insígnias que trago na farda, ponderava o militar - que depois se soube era sulista ou matogrossense - em inflamada retórica.

Ah, circunstâncias que começam com um somenos desentendimento, fácil de controle no início, mas que podem se derramar como pólvora acesa, de difícil delimitação, de imprevisíveis consequências.

O cidadão, de indumentária verde oliva, era, em suma, ali se movendo esgarçado, a face e os bufos vermelhos como malagueta, era o dobro da rispidez em comparação com o interlocutor. Sua voz grave, forma oral flexionada, metálica, infundia medo, brotava assaz desassossego.

Achavam-se a uma distância perigosa. E distância ali contava

pouco. Punhos cerrados, gestos de esgrima

- Sei, sim. E muito bem! Contrapôs o farmacêutico, que, embora exaltado, exibia arrojada argumentação...O senhor é um mau oficial do Exército, um homem que desonra as fileiras das Forças Armadas, por se tratar de um caloteiro, um homem sem diálogo, arruaceiro, que ousa adentrar o meu estabelecimento e ofender-me virulentamente e a meus laboriosos funcionários com tão duras palavras, praguejantes ameaças, levando uma reles questão financeira para a desíria pública.

- Posso prendê-lo! Quem manda nesse País é o Exército...

- Quem manda nesse País, meu amigo, é a honra, a Constituição, que, ao que eu saiba, não contemplam ou referendam falha de caráter, o calote, a incúria, principalmente por parte daqueles que deveriam dar o exemplo, honrar nosso hino e nossa bandeira, zelar pelo nome da indumentária que veste, das comendas que carrega na ombreira, como o senhor...

(Alguém, a essa altura, ligara para o quartel militar, informando sobre o quadro deplorável envolvendo um oficial militar e o farmacêutico por meras questões de acerto de contas).

Ouvindo-se aquilo, tinha-se dor de cabeça, sensação amarga. postando-se o soberbo militar como um gardingo, um nobre dominador, tentando ali impor-se pela violência, pelo autoritarismo: - o senhor, são mequetrefe, está preso!...

- Quem irá prendê-lo serão seus superiores, reagiu duro o farmacêutico. Vou comunicar, nesse instante, ao seu comandante e, para tanto, estou subindo a colina que dá acesso ao Batalhão - se este não tomar providências, comunicarei diretamente ao Exm<sup>o</sup>.sr. Ministro da Defesa - que as gloriosas hostes do Exército em nossa cidade dão guarida a um caloteiro, a um insolente.

- Mas, ninguém vai chamar o guarda, o exército?! A Polícia do Exército passou há uma meia hora por aqui... comenta uma senhora com largo vestido xadrezado, uma sombrinha a tiracolo.

Difícil conceber homem com tamanha coragem, conquanto em tempos repressivos, discricionários. José Walter tinha, contudo, no sangue a têmpera de bandeirantes paulistas e de inconfidentes, descendente ele dos Resende Costa, com largo círculo de amigos na cidade, além de personalidade idônea, austera, cívica, que não abria mão de sua liberdade, de sua honradez, de sua secular altivez. Ouve-se ainda a voz convulsiva do oficial:

- Já disse. O senhor está preso, seu boçal! Vou comunicar ao comando da unidade que envie aqui a polícia do exército...

(Não dava tempo. Ao virar-se, eis uma patrulha da polícia do Exército, sob o comando de um alto oficial, que dali retira o militar querelante., conduzindo-o às dependências do batalhão). Fecham-se as cortinas...

Ah, lembranças difíceis de afastar, passadas ainda latentes nos fundos corredores da memória, vão-se lá meio século...

# Semana de Arte Moderna de 1922



Teatro Municipal de São Paulo: palco da Semana de Arte Moderna

## INTRODUÇÃO - O QUE FOI

A Semana de Arte Moderna ocorreu no Teatro Municipal de São Paulo, em 1922, tendo como objetivo mostrar as novas tendências artísticas que já vigoravam na Europa. Esta nova forma de expressão não foi compreendida pela elite paulista, que era influenciada pelas formas estéticas europeias mais conservadoras. O idealizador deste evento artístico e cultural foi o pintor Di Cavalcanti.

## CONTEXTO HISTÓRICO DA SEMANA DE 22:

- Em 1922, o Brasil era governado por uma oligarquia ligada ao setor produtor e exportador de café (principal produto econômico brasileiro). Portanto, o nosso país era governado por ricos fazendeiros, principalmente paulistas ou mineiros. Foi o período da política do “Café com leite” e do coronelismo.
- Em 1922, o Brasil era governado pelo presidente Epitácio Pessoa.
- Estava ocorrendo o processo eleitoral no Brasil, cujos candidatos eram o mineiro Artur Bernardes (que foi o vencedor) e o carioca Nilo Peçanha (derrotado).
- O começo da década de 1920, foi marcado por significativo avanço da industrialização na cidade de São Paulo.
- A cidade de São Paulo passou a ser o principal polo econômico e cultural do Brasil, apresentando grande crescimento populacional.
- Uma emergente burguesia industrial começava a ganhar força na cena política e econômica do Brasil.
- Período de grande imigração europeia (principalmente de italianos), que foram trabalhar, em sua grande maioria, nas indústrias de São Paulo.
- Crescimento das ideias anarquistas e comunistas na cidade de São Paulo e Rio de Janeiro. Muitas dessas ideologias foram trazidas pelos imigrantes italianos. Em março de 1922, por exemplo, foi fundado, no Rio de Janeiro, o Partido Comunista Brasileiro.
- Crescimento urbano desordenado, principalmente das cidades de São Paulo e Rio de Janeiro. Na capital paulista se multiplicavam os cortiços nos bairros centrais, enquanto na capital brasileira (Rio de Janeiro) as favelas começavam a crescer em tamanho e população.
- No ano de 1922, ocorreu a Revolta dos 18 do Forte de Copacabana no Rio de Janeiro, um dos principais movimentos tenentistas contrários à política oligárquica brasileira. O tenentismo era contra, principalmente, as fraudes eleitorais e as políticas governamentais, que atendiam os interesses econômicos das oligarquias rurais.



Cidade de São Paulo em 1922: crescimento urbano, industrialização e imigração europeia (foto: região do Viaduto do Chá).

## ARTE MODERNA E PRINCIPAIS CARACTERÍSTICAS

Em um período repleto de agitações, os intelectuais brasileiros se viram em um momento em que precisavam abandonar os valores estéticos antigos, ainda muito apreciados em nosso país, para dar lugar a um novo estilo completamente contrário, e do qual, não se sabia ao certo o rumo a ser seguido. No Brasil, o descontentamento com o estilo anterior foi bem mais explorado no campo da literatura, com maior ênfase na poesia. Entre os escritores modernistas destacam-se: Oswald de Andrade, Guilherme de Almeida, Sérgio Milliet e Manuel Bandeira. Na pintura, destacou-se Anita Malfatti, que realizou a primeira exposição modernista brasileira em 1917. Suas obras, influenciadas pelo cubismo, expressionismo e futurismo, escandalizaram a sociedade da época. Monteiro Lobato não poupou críticas à pintora, contudo, este episódio serviu como incentivo para a realização da Semana de Arte Moderna.

## COMO FOI A SEMANA 22

A Semana, realizada entre 11 e 18 de fevereiro de 1922, foi a explosão de ideias inovadoras que aboliaram por completo a perfeição estética tão apreciada no século XIX. Os artistas brasileiros buscavam uma identidade própria e a liberdade de expressão; com este propósito, experimentavam

diferentes caminhos sem definir nenhum padrão. Isto culminou com a incompreensão e com a completa insatisfação de todos que foram assistir a este novo movimento. Logo na abertura, Ronald de Carvalho, ao recitar o poema Os Sapos, escrito por Manuel Bandeira, foi desaprovado pela plateia através de muitas vaias e gritos.

Embora tenha sido alvo de muitas críticas, a Semana de Arte Moderna só foi adquirir sua real importância ao inserir suas ideias ao longo do tempo. O movimento modernista continuou a expandir-se por divulgações através da Revista Antropofágica e da Revista Klaxon, e também pelos seguintes movimentos: Movimento Pau-Brasil, Grupo da Anta, Verde-Amarelismo e pelo Movimento Antropofágico.

Todo novo movimento artístico é uma ruptura com os padrões utilizados pelo anterior, isto vale para todas as formas de expressões, sejam elas através da pintura, literatura, escultura, poesia, etc. Ocorre que nem sempre o novo é bem aceito, isto foi bastante evidente no caso do Modernismo, que, a princípio, chocou por fugir completamente da estética europeia tradicional que influenciava os artistas brasileiros.



Artistas que participaram da Semana de Arte Moderna de 1922. Destaque para o escritor Mário de Andrade (parte superior da foto a esquerda)

## PRINCIPAIS ARTISTAS QUE PARTICIPARAM DA SEMANA DE ARTE MODERNA DE 1922

### Artes Plásticas

- Anita Malfatti (pintora)
- Di Cavalcanti (pintor)
- Vicente do Rego Monteiro (pintor)
- Inácio da Costa Ferreira (caricaturista, desenhista e ilustrador)
- John Graz (pintor)
- Alberto Martins Ribeiro (pintor)
- Oswald Goeldi (pintor)
- Victor Brecheret (escultor)
- Hidelgado Leão Velloso (escultor)
- Wilhelm Haarberg (escultor)

### Literatura

- Mário de Andrade (escritor)
- Oswald de Andrade (escritor)
- Sérgio Milliet (escritor, pintor e poeta)
- Plínio Salgado (escritor)
- Menotti del Picchia (escritor)
- Ronald de Carvalho (poeta e político)
- Álvaro Moreira (escritor)
- Renato de Almeida (escritor)
- Guilherme de Almeida (escritor)
- Ribeiro Couto (escritor)

### Música

- Heitor Villa-Lobos (músico)
- Guiomar Novais (músico)
- Frutuoso Viana (músico)
- Ernâni Braga (músico)

### Arquitetura

- Antônio Garcia Moya (arquiteto)
- Georg Przyrembel (arquiteto)

### Outras áreas

- Eugênia Álvaro Moreyra (atriz e diretora de teatro).



Mário de Andrade (1893-1945): um dos principais nomes da Semana de 22.



Cartaz do último dia da Semana de Arte Moderna de 1922, quando ocorreria o show de Heitor Villa-Lobos.

## CURIOSIDADES SOBRE A SEMANA DE ARTE MODERNA DE 22:

- Durante a leitura do poema “Os Sapos”, de Manuel Bandeira (leitura feita por Ronald de Carvalho), o público presente no Teatro Municipal fez coro e atrapalhou a leitura, mostrando desta forma a desaprovação.
- No dia 17 de fevereiro, Villa-Lobos fez uma apresentação musical. Entrou no palco calçando num pé um sapato e em outro um chinelo. O público vaiou, pois considerou a atitude futurista e desrespeitosa. Depois, foi esclarecido que Villa-Lobos entrou desta forma, pois estava com um calo no pé.

Por Elaine Barbosa de Souza  
Graduada em Letras (Português e Inglês) pela FMU (2002).



## 2022 – Algumas efemérides

- 70 anos de fundação CNBB.
- 530 anos de descobrimento da América.
- 100 anos da Semana de Arte Moderna.
- 200 anos de Independência do Brasil.
- 100 anos de (re) construção da Igreja Matriz – São Tiago.
- 230 anos do holocausto de Joaquim José Silva Xavier, o Tiradentes.
- 140 anos de nascimento de Luiz Gama – abolicionista.
- 110 anos de nascimento de Luiz Gonzaga – cantor.
- 90 anos da Revolução Constitucionalista São Paulo.
- 2021/2030 – Década da Oceanografia para o desenvolvimento sustentável e Década da Restauração de Ecossistemas.
- 20/04/1762 – Câmara da Vila de São João del Rei dirige petição a SM D. José I rei de Portugal solicitando instalação de “companhia de ordenance a pé” na região entre o Rio do Peixe e o Jacaré por se achar “bastantemente povoada e para

se evitar que por esta parte se desencaminhe ouro em fraude ao quinto de V.M”

- 08/05 – 100 anos de nascimento do Sr. Miguel Arcanjo e 30 anos de seu falecimento 08/08/1992.
- 30/05 – 80 anos de nascimento Dep. José Aldo dos Santos.
- 12/08 – 100 anos das solenidades de reinauguração Igreja Matriz.
- 15/07/1872 – Incorporação do distrito de São Tiago ao município de Bom Sucesso – Lei nº 1883.
- 25/07/1972 – 50 anos de lançamento do livro “Notícia Histórica do Município de São Tiago” – Augusto Viegas.
- 16/09/1962 – falecimento Joaquim Policarpo, músico são-tiaguense.
- 21/10/1962 – 60 anos falecimento Júlio Ferreira de Carvalho.
- 15/11/1882 – 140 anos nascimento Dr. Antonio Andrade Reis.
- 1952 – Inauguração Cine Odeon (Sr. Glauro de Castro).

Lei 18030/2009

ICMS

Turismo

Minas

### Municípios necessitam se habilitar e estarem aptos a receber o ICMS turístico

A Secretaria do Estado da Cultura e Turismo de Minas Gerais, após avaliar anualmente ações desenvolvidas na área de turismo, divulga a lista dos municípios aptos a receberem o chamado ICMS turístico.

Segundo relatos da imprensa e do site do Governo do Estado cerca de 50 municípios da Zona da Mata e Campos das Vertentes foram enquadrados/classificados a receberem recuos do ICMS turístico no ano de 2022, aí incluídos municípios de nosso meio – com notas até 10 (a máxima) como Barroso, Dolores de Campos, Entre Rios de Minas, Santa Cruz de Minas, Tiradentes.

Para fazer jus ao repasse, o município necessita, obrigatória e anualmente se enquadrar nos seguintes critérios:

1- Participar de uma instância de governança regional – IGR – certificada pela Secretaria de Cultura e Turismo do Estado, nos termos do Programa de Regionalização do Turismo do Estado de Minas Gerais.

2- Ter uma política municipal de turismo elaborada e em implementação.

3- Ter o conselho municipal de turismo (Contur) constituído

e em regular funcionamento.

4- Ter fundo municipal de turismo (Fumtur) constituído e em regular funcionamento.

O Programa ICMS Turístico objetiva promover o desenvolvimento turístico nos municípios mineiros em conformidade com a Lei Estadual nº 18030/2009 que redistribuiu as cotas de repasses financeiro do ICMS e do IPI, contemplando assim o setor de turismo. Dessa forma, fortalece-se a política pública de desenvolvimento da gestão turística nos municípios mineiros. O ICMS Turístico estimula a formação/implementação de programas e projetos municipais e regionais voltados para o desenvolvimento do setor e das políticas públicas para o turismo, hoje um dos grandes vetores da economia e geração de emprego.

E os municípios em nosso meio, o que estão fazendo?

Não será autorizando a demolição de casas antigas e de árvores em logradouros públicos, “doando” para terceiros as antigas fontes e chafarizes, não promovendo as tradições culturais locais (artesanato, ofícios manuais, culinária típica etc.) que melhoraremos nossa pontuação.

# NOTA DE PESAR



Francisco  
Rodrigues  
de  
Oliveira  
21/07/1932  
-  
22/12/2021



Nesta quarta-feira, dia 22 de dezembro, o Sr. Francisco Rodrigues de Oliveira nos deixou. Aos 89 anos, Sr. Francisco dedicou grande parte da sua vida ao estudo da história de Barbacena e região.

Nascido em 1932, em Alfredo Vasconcelos, Sr. Francisco estudou Agronomia e foi professor de Matemática e apaixonado pela História. Do seu interesse pela área nasceram livros como “História da estrada de rodagem Barbacena-Ibertioga” (2002) e “Godofredo Rodrigues de Oliveira, seus ancestrais e sua vida” (2005).

Sr. Francisco também participou da fundação da Associação Cultural do Arquivo Histórico Municipal Professor Altair Savassi (ACAHPAS), em 2009. Ele foi presidente da ACAHPAS entre 2009 e 2012.

**NR:** Francisco Rodrigues foi colaborador de nosso boletim em várias oportunidades. Nossos sentimentos aos familiares.

## AVISO DA HUMANIDADE

- 21- Hotel 5 estrelas...  
Minha casa 5 lamparinas.
- 22- Prato do dia...!  
De louça (lousa)
- 23- Vende-se uma casa!  
Do João de Barro.
- 24- Cuidado com o cão bravo!  
E pulguento também.
- 25- Vendemos cachorro quente!  
Somente para cachorras.

- 26- Auto Escola!  
Pra roda dura.
- 27- Artigo para presente!  
Só para sogra ... 1,99.
- 28- Ponto Certo!  
Dê um pinguinho do i
- 29- Passo leve!  
Ande descalço.
- 30- É namoro ou amizade?  
São amantes.

**Autor: Tiago do Rosário Mendes Santiago  
Tiago do Béco**



# Sr SEBASTIÃO GARCIA DUARTE

O Sr. Sebastião Garcia Duarte nasceu no ano de 1902 em Conceição da Barra de Minas, filho de José Garcia Duarte e Maria Guilhermina de Paiva, ambos igualmente naturais de Conceição da Barra. O sr. Sebastião mudou-se, ainda jovem, para a Fazenda do Barreado, de propriedade do sr. Carlos Pereira, onde exerceu principalmente as funções de juntador de creme e batedor de manteiga - época em que muitas fazenda beneficiavam o leite, produzindo lacteos como queijos, manteiga, requeijões etc

O sr. Sebastião casou-se com D<sup>a</sup> Márcia América dos Santos, tendo o casal 8 filhos: 7 mulheres e 1 homem. Em sua pobreza, encontrando muitas dificuldades para criar a numerosa família. Do Barreado, sr. Sebastião mudou-se para a Fazenda Santa Luzia, de propriedade do sr. João de Almeida (Sangiote), depois vendida ao sr. Euclides Machado, período em que lutou e trabalhou arduamente nas lides da fazenda, atuando ainda, à noite e feriados – para reforçar a renda familiar - como comprador de aves e ovos, conduzindo a carga até à beira da estrada para vender ao sr. Vicente Mendes, que por ali passava, a cada quinze dias, a bordo de seus caminhões. Por vezes, teve que esperar a noite inteira, aguardando a passagem do caminhão, a fim de entregar a mercadoria e receber encomendas que o sr. Vicente Mendes trazia para as famílias da região. Uma labuta de décadas!

Com a compra da fazenda Santa Luzia pelo sr. Francisco de Assis Sobrinho, o sr. Sebastião ali continuou, gozando da plena estima do patrão e sua família, ai vivendo o resto de sua existência e se aposentando. Era ele o comprador de porcos da fazenda, comercializados em São João Del-Rei para o comerciante e açougueiro sr. Mansur. Propriedade (Fazenda Santa Luzia) hoje da sra. Vivina de Assis Viana (Vininha) onde o sr. Sebastião trabalharia por ininterruptos 40 anos!



*Sr. Sebastião Garcia Duarte e sua esposa D<sup>a</sup> Márcia América dos Santos.*

O sr. Sebastião deixou todos os filhos casados, tendo uma de suas filhas se mudado para o Mato Grosso, aqui não mais retornando, lá falecendo, sendo sepultada em Dourados; ausência muito sentida pelos pais ao longo de 60 anos, tendo o sr. Sebastião falecido em 1982, sendo sepultado em São Tiago.

Nossos cumprimentos à laboriosa e distinta família Garcia Duarte, em particular na pessoa do sr. Pedro Garcia, que tão relevantes serviços presta à comunidade sãotiaguense e a toda a região!



*Maria José in memoriam  
(01/10/2018)*



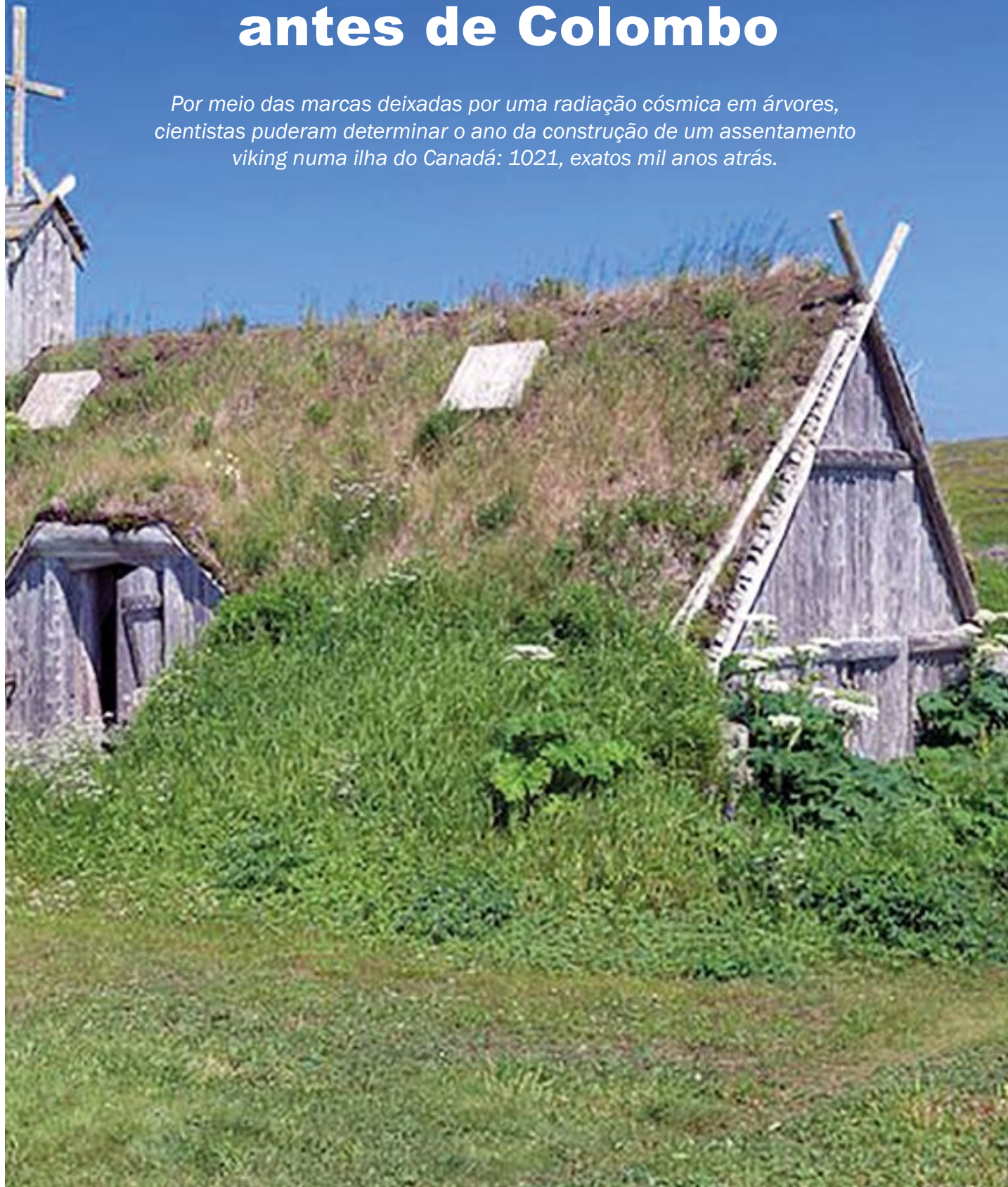
*Família do Sr. Pedro Garcia Duarte: Da direita para esquerda: Adriana, Adilson, André, D. Iraci, Tiago, Márcia, Pedro Garcia, Antônio, Patrícia e Regina*



FOTO: GLENN NAGEL/SPRINGER NATURE/DPA/PICTURE ALLIANCE

# Vikings chegaram às Américas quase 500 anos antes de Colombo

*Por meio das marcas deixadas por uma radiação cósmica em árvores, cientistas puderam determinar o ano da construção de um assentamento viking numa ilha do Canadá: 1021, exatos mil anos atrás.*



*Madeiras usadas em L'Anse aux Meadows foram derrubadas no ano de 1021*



Cientistas anunciaram nesta quarta-feira (20/10) que conseguiram determinar com grande precisão que os vikings estiveram na América do Norte em 1021, exatamente mil anos atrás, graças a uma radiação cósmica que deixou rastros em fragmentos de madeira usados nessa época.

Há décadas que se sabe que os lendários navegantes escandinavos foram os primeiros europeus a chegarem ao continente americano, em torno do ano 1000, ou cinco séculos antes de Cristóvão Colombo.

O único local conhecido com rastros da presença deles é o sítio arqueológico de L'Anse aux Meadows, no extremo norte da ilha de Terra Nova, no Canadá. Lá estão as fundações de oito construções: três residências, uma forja, uma serraria para abastecer um estaleiro e três armazéns.

A datação por radiocarbono (que usa o radioisótopo de ocorrência natural carbono 14) feita nesses restos havia apontado que eles eram de cerca de mil anos atrás, mas sem determinar o ano específico.

Tanto a arqueologia como as Sagas dos islandeses, textos que narram as epopeias dos vikings, indicam que a ocupação do local foi breve e esporádica.

## MARCAS DE UMA TEMPESTADE SOLAR

A equipe de cientistas comandada por Michael Dee e Margot Kuiterns, da Universidade de Groningen, na Holanda, encontrou um método original para resolver o problema, como relatado na revista Nature.

Tempestades solares elevam a presença do isótopo carbono 14 na atmosfera, o que, por sua vez, deixa sinais nas árvores, que são conhecidas por absorverem carbono da atmosfera.

Como se sabe, cada anel de crescimento nos troncos das árvores corresponde a um ano de vida.

Em três pedaços de madeira analisados, de três árvores diferentes, foi detectada uma elevada presença do isótopo carbono 14 num dos anéis, e observados mais 29 anéis que se formaram depois.

Como é sabido que houve uma tempestade solar no ano 992, o anel com elevada presença do isótopo carbono 14 deve corresponder àquele ano, e somados mais 29 anos, quando a árvore parou de crescer por ter sido derrubada, chega-se ao ano de 1021.

"O aumento da produção de radiocarbono que ocorreu entre 992 e 993 já foi detectado nos registros de anéis de árvores de todo o mundo", afirmou Dee.

Os autores também eliminaram a possibilidade de que populações indígenas locais tenham derrubado as árvores, pois há evidências de que elas foram cortadas com artefatos de metal, algo de que essas populações não dispunham.

## QUESTÕES AINDA EM ABERTO

O número de expedições dos vikings à América e a duração do assentamento em L'Anse aux Meadows continuam desconhecidos, bem como quantos vikings viviam no local. Os cientistas supõem que os vikings tenham ficado em torno de uma década por lá, e que talvez cerca de cem deles vivessem ao mesmo tempo no local.

As estruturas se assemelham a construções existentes na Groenlândia e na Islândia.

Duas das Sagas dos islandeses descrevem a presença dos vikings na América. Escritas séculos depois, elas falam de um líder chamado Leif Erikson e um acampamento chamado Vinland e narram interações violentas e também pacíficas com povos locais, incluindo a captura de escravos. Mas foram encontradas poucas provas arqueológicas que confirmem essas interações, explica a universidade holandesa.

Porém, o ano de 1021 aproximadamente corresponde aos relatos das Sagas, disse Dee. "Assim fica a questão: o que mais das aventuras das Sagas é verdade?"



FOTO: SHAUN BEST/REUTERS

*Réplica de uma embarcação viking em L'Anse aux Meadows em 2000*



# Thiago de Mello

Amadeu Thiago de Mello foi um poeta e tradutor brasileiro natural do Estado do Amazonas, é dos poetas mais influentes e respeitados no país, reconhecido como um ícone da literatura regional. Tem obras traduzidas para mais de trinta idiomas.

Nasceu a 30 Março 1926 (Barreirinha)  
Morreu em 14 Janeiro 2022 (Manaus)

## Os Estatutos do Homem

(Ato Institucional Permanente)

A Carlos Heitor Cony



### Artigo I.

Fica decretado que agora vale a verdade, que agora vale a vida, e que de mãos dadas, trabalharemos todos pela vida verdadeira.

### Artigo II.

Fica decretado que todos os dias da semana, inclusive as terças-feiras mais cinzentas, têm direito a converter-se em manhãs de domingo.

### Artigo III.

Fica decretado que, a partir deste instante, haverá girassóis em todas as janelas, que os girassóis terão direito a abrir-se dentro da sombra; e que as janelas devem permanecer, o dia inteiro, abertas para o verde onde cresce a esperança.

### Artigo IV.

Fica decretado que o homem não precisará nunca mais duvidar do homem. Que o homem confiará no homem como a palmeira confia no vento, como o vento confia no ar, como o ar confia no campo azul do céu.

### Parágrafo Único:

O homem confiará no homem como um menino confia em outro menino.

### Artigo V.

Fica decretado que os homens estão livres do jugo da mentira. Nunca mais será preciso usar a couraça do silêncio nem a armadura de palavras. O homem se sentará à mesa com seu olhar limpo

porque a verdade passará a ser servida antes da sobremesa.

### Artigo VI.

Fica estabelecida, durante dez séculos, a prática sonhada pelo profeta Isaías, e o lobo e o cordeiro pastarão juntos e a comida de ambos terá o mesmo gosto de aurora.

### Artigo VII.

Por decreto irrevogável fica estabelecido o reinado permanente da justiça e da claridade, e a alegria será uma bandeira generosa para sempre desfaldada na alma do povo.

### Artigo VIII.

Fica decretado que a maior dor sempre foi e será sempre não poder dar-se amor a quem se ama e saber que é a água que dá à planta o milagre da flor.

### Artigo IX.

Fica permitido que o pão de cada dia tenha no homem o sinal de seu suor. Mas que sobretudo tenha sempre o quente sabor da ternura.

### Artigo X.

Fica permitido a qualquer pessoa, a qualquer hora da vida, o uso do traje branco.

### Artigo XI.

Fica decretado, por definição, que o homem é um animal que ama e que por isso é belo. muito mais belo que a estrela da manhã.

### Artigo XII.

Decreta-se que nada será obrigado nem proibido. tudo será permitido, inclusive brincar com os rinocerontes e caminhar pelas tardes com uma imensa begônia na lapela.

### Parágrafo único:

Só uma coisa fica proibida: amar sem amor.

### Artigo XIII.

Fica decretado que o dinheiro não poderá nunca mais comprar o sol das manhãs vindouras. Expulso do grande baú do medo, o dinheiro se transformará em uma espada fraternal para defender o direito de cantar e a festa do dia que chegou.

### Artigo Final.

Fica proibido o uso da palavra liberdade. a qual será suprimida dos dicionários e do pântano enganoso das bocas. A partir deste instante a liberdade será algo vivo e transparente como um fogo ou um rio, e a sua morada será sempre o coração do homem.

*Santiago do Chile, abril de 1964*

*Publicado no livro Faz Escuro Mas Eu Canto: Porque a Manhã Vai Chegar (1965).*

*In: MELLO, Thiago de. Vento geral, 1951/1981: doze livros de poemas. 2.ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 198*